

O PLANALTO E A ESTEPE: DESLOCAMENTOS ESPACIAIS, APRENDIZAGENS DIALÉTICAS

Beatriz de Jesus dos Santos Lanziero*

O espaço não é o “fora” da narrativa, portanto, mas uma força interna, que o configura a partir de dentro. Ou, dito de outra forma: nos romances europeus modernos, o que ocorre depende muito de onde ocorre.

(MORETTI, 2003, p.81)

A partir da epígrafe, antropofagicamente, esse artigo se constrói. Seu objeto de estudo não consiste em romance europeu moderno. Deslocando-se desse centro epistemológico, propõe-se a elaborar leitura crítica da obra *O planalto e a estepe*, de Pepetela, refletindo sobre o espaço como elemento estruturante da narrativa em conjunção com o tempo, formando unidades indissociáveis, cronotopos como “centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance” (BAKHTIN, 1988, p.355). Embora o texto em questão apresente ampla extensão do espaço, Angola constitui-se como referencial, lugar de onde se parte e ao qual se retorna em movimento circular repleto de dinamismo e mudanças.

Para pensar o elemento espaço como de fundamental importância para a construção do romance *O planalto e a estepe*, pode-se partir do título. Aí já estão colocados os referenciais espaciais que nortearão (“sulearão”, para respeitar a proposta romanesca) a escrita e a enunciação. O planalto, o Sul (a Huíla, a Serra da Chela, os rochedos da Tundavala) e as estepes da Mongólia, a plana, árida e calcária estepe. Ao título, outro paratexto pode ser associado: na abertura do primeiro capítulo, epigraficamente colocado, insere-se excerto marcadamente lírico, agenciador de relações que vão perpassar a obra, mesclando três principais elementos da narrativa: personagens, tempo e espaço, com ênfase neste último. O planalto relaciona-se ao azul dos olhos dele; a estepe, ao castanho dos olhos dela. O sujeito poético apresenta o convite, solicitando o leitor a refletir sobre último elemento enunciado: entrar no azul equivale a pensar conjuntamente Angola e infância e juventude de Júlio, o narrador-personagem.

Os olhos dele continham o céu do Planalto.

Na Huíla, Serra da Chela. Dezembro, quando o azul mais fere.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. e Coordenadora de Língua Portuguesa do ISERJ (FAETEC)

Nos olhos dela estavam gravadas suaves ondulações da estepe mongol. Tons sobre o castanho.
Entremos no azul. (PEPETELA, 2009, p.9) Grifos nossos.

Fragmentos como esse irromperão em alguns pontos do texto, causando certo estranhamento no leitor, mas, ao mesmo tempo, guardando íntima relação com a narrativa principal. Construídos em linguagem poético-metafórica, afiguram-se repletos de imagens dialéticas, contrapondo-se à realidade autoritária que insiste em expurgar as contradições do mundo. Esses trechos também testemunham o caráter de abertura do gênero romance, como o caracteriza Bakhtin, forma imanentemente em processo, gênero em devir¹, palco de múltiplas vozes, escrita híbrida.

Adentrando o azul, chegamos ao relato em primeira pessoa. Autobiografia urdida através de espaços-tempos em transformação. Esse percurso existencial resume-se “a uma larga e sinuosa curva para o amor” (PEPETELA, 2009, p.9). Sujeito em trânsito, Júlio desloca-se e esse movimento enforma a narrativa. A viagem e o amor constituem seus principais eixos, narrar elaborado no entremear de história individual e coletiva, do local ao global, na constante mudança de espaços. Romance de deambulação, a obra perspectiva personagem cuja “cabeça cresce com as verdades que nela entram”. Ele narra itinerários que o conduzem a aprendizagens diversas. Ganha países, perde amigos. Em caminhar dialético, sem se desterritorializar e se sentir exilado, enreda espaço e tempo, formando-se o que Bakhtin denominou cronotopo, a fim de apontar a indissolubilidade da relação espaço e tempo, categoria capaz de consubstanciar o tempo no espaço:

Entendemos o cronotopo como uma categoria conteúdoístico-formal da literatura (...)

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico” (BAKHTIN, M. 1988, p. 211)

No romance em questão, os espaços afloram e trazem os tempos. Em resenha crítica da obra, “Aquela geração por outras terras: um romance geográfico”, Luiz Veiga defende a relevância do elemento espaço para construção do romance e da leitura. Rita Chaves, em “Pepetela: romance e utopia na literatura angolana”, aponta, em parte da obra romanesca desse autor, o retorno “à linha de força do sistema literário angolano”,

¹ O romance apresentaria, em contraposição à epopeia, particularidades fundamentais como: “a tridimensão estilística”, relacionada ao plurilinguismo; a “transformação radical das coordenadas temporais das representações literárias”, a quebra da hierarquia temporal; e “uma nova estruturação da imagem literária”, o contato máximo com o presente, com a contemporaneidade da obra, fato este diretamente relacionado à abertura do romance. BAKHTIN, 1998, pp. 397-429.

o problematizar a construção da identidade. Dentro dessa perspectiva, o espaço destaca-se e “atua como elemento de forte significado”¹. Em relação a *O planalto e a estepe*, ainda se pode afirmar que, em contraste com os romances imediatamente anteriores², o espaço angolano, agora estendido, volta à cena.

De Angola a Angola, passando por Portugal, Marrocos, Rússia, Argélia, Mongólia e Cuba, desponta a história local em conjunção com a global. Viaja-se pelo período colonial, passando pela luta de libertação, independência nacional e guerra civil, até a suplantação do regime socialista e emergência de um sistema predador em que vigoram conchavos, corrupção, concentração de renda em meio à miséria e à fome de muitos.

Antes de se refletir sobre a conjunção espaço-tempo, destacando-se Angola como *locus* referencial, e mesmo em decorrência disso, vale apreciarem-se alguns aspectos relativos à construção da instância narrativa. O romance propõe a extensão do espaço, a partir do que simbolicamente sugere o eu lírico dos excertos, ressaltando a ligação entre as distâncias continentais, em recusa à cartografia mundial: “Os continentes são convenções, apenas existem terras separadas por mares. /Nos bolsos dos seres marinhos sempre há montes de terra seca.” (PEPETELA, 2009, p.30). Desse modo, busca-se a redução das distâncias e a ampliação pedagógica do espaço. No entanto, Angola, o Sul mais especificamente, constitui-se como referente privilegiado. Essa prerrogativa remete o leitor aos saberes locais, a visões de mundo em contraste com aquela hegemônica em contexto moderno, urbano, capitalista e colonial.

Júlio é um narrador que *re-apresenta* e representa a oralidade ancestral. Ao fazê-lo, coloca-se na contramão daquilo que Benjamin³ observa em relação ao período entre guerras, em particular ao período pós I Guerra Mundial, momento em que os soldados voltam mudos da guerra, metonimicamente apontando a privação geral da “faculdade de intercambiar experiências”, retornam do campo de batalha “pobres de experiências comunicáveis”. O narrador-personagem de *O planalto e a estepe*, aliás, aproxima-se do que o filósofo denomina de dois representantes arcaicos do narrador das histórias orais: aquele que viaja (o marinheiro) e o que permanece na terra e conhece a tradição (o camponês sedentário). Tal como os artífices do sistema corporativo, Júlio alia a maestria do camponês e a do marujo. Em movimento de interpenetração desses tipos arcaicos, está à vontade na distância temporal e espacial. A despeito da guerra, ou talvez também em decorrência dela e de seu valor simbólico de luta pela libertação, o narrador apresenta-se rico de experiências, aproximando-se do que Benjamin afirma sobre o enunciador da narrativa: “Na narrativa, o narrador retira da experiência o que ele conta: própria ou relatada pelos outros”. No romance estudado,

¹ “Essa concepção do espaço que se eleva e atua como elemento de forte significado na ordem narrativa será também um traço decisivo em obras como *Yaka, O cão e os calus* e *O desejo de Kianda*, para citar apenas três do Pepetela”. CHAVES, 1999, p.219.

² Romances anteriores: *O terrorista de Berkley, Califórnia* (2007) e *Quase fim do mundo* (2008).

³ Referências ao texto “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. BENJAMIN, 1994, pp. 197-221.

encontram-se referências à tradição oral e adotam-se estratégias que a ela remetem. Logo no início, o narrador problematiza a questão do tempo, a partir de enunciado proferido meio ao acaso, comprometendo-se a explicar como o racismo o perseguiu a vida inteira, caso tivesse tempo. Em tom proverbial, frequente no romance em questão, inaugura rememoração acerca do modo como os velhos dos kimbos concebem o tempo e com ele relacionam-se:

O tempo é um atleta baroteiro, toma drogas proibidas, corre mais que todos. Por isso são sábios os velhos dos kimbos, nunca querem agarrar o tempo, deixam-no passar por eles, as peles devem ser rugosas e o tempo entranha-se nelas, deslizando com mais dificuldade. (PEPETELA, 2009, p. 13)

Há o reconhecimento da sabedoria ancestral em relação à maneira de conceber o tempo no âmbito da tradição e do espaço rural e, simultaneamente, a crítica ao espaço citadino e à concepção de tempo acelerado e devorador que o embasa:

O tempo goza com nossa estúpida vaidade, passa por nós como um foguete, nos torna seus escravos. Os velhos dos kimbos não correm atrás, antes ficam parados contemplando as formigas fazendo carreiros no solo seco ou os pássaros sulcando riscos no espaço. Tantos riscos desenham os pássaros no espaço! Só é preciso saber ver.

Então, o tempo passa devagarinhovagarinho, como solitária gota de chuva se desprendendo com dificuldade de uma folha de árvore mutiati. (PEPETELA, 2009, p.14)

Essa reverência à tradição, ligada aos saberes oralmente veiculados, denota o estar à vontade no tempo, atitude vinculada ao saber ancestral e tradicional. Deste universo, o narrador retira a lição necessária ao artífice do contar, a palavra é tecida sob o tempo da paciência e da contemplação.

Outro ponto a ser considerado consiste no caráter aforístico de muitas sentenças proferidas pelo narrador-personagem, muito frequentes até o capítulo “As guerras e os silêncios”. Talvez, a capacidade de dar conselhos atenuem-se nesse ponto, embora a guerra não tenha silenciado o narrador guerrilheiro. É conhecido o caráter proverbial das narrativas orais. “Provérbios são ruínas de antigas narrativas”, fragmentos de narrativa que evocam e constroem sabedoria, sugestão de continuação da história e aconselhamento: “Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. (...) O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria.” (BENJAMIN, 1994, p. 200)

Aqui vale ressaltar que não consistem em mero jogo de representação a Nota Prévia e a Dedicatória do romance. A imbricação entre literatura e vida, ficção e realidade, limites tênues, está a serviço de conferir “aquela substância viva da existência” ao narrador. São muitos os exemplos desses enunciados aforísticos, repletos de poeticidade e sabedoria: “O valor da pele é o seu calor”, “A memória prega partidas, como a vida”, “A solidariedade é um dom”, “O homem só gosta da diferença, sobretudo a que o favorece”, “Quando se faz o indesejado, só resta sonhar”, “Só para os profetas e os

escritores as palavras são sagradas”, “É na capacidade de perder e ainda assim lutar que está a grandeza”, “Nunca se sabe responder à questão da definitude, eis o homem”⁴.

Também evocam traços da oralidade, a narrativa de legitimação de Júlio no comando de tropa em plena luta pela libertação e independência de Angola e a inserção de fábula para a defesa (estratégia de autoconvencimento) do diálogo com o marido de Sarangerel. Em relação à primeira, o narrador-personagem assume o papel do narrador tradicional e conta, à volta da fogueira, feitiço que blindara seu corpo para o combate. História recontada, compartilhada, “cochichada de boca a orelha” e que lhe confere autoridade no comando, no narrar. A segunda é inserta no meio do relato do reencontro entre Júlio e Sarangerel. Nesse momento da narrativa, fez-se necessário confirmar a sabedoria desta última ao insistir no diálogo, conversa entre os dois homens que se viam, pode-se inferir, como rivais. Mais uma vez, tal como no começo - de modo circular, pois o romance já se aproxima do desfecho -, Júlio recorre aos mais velhos, sekulos do seu kimbo, associando a filosofia ancestral de seu povo à que Sarangerel também representa, a sabedoria das civilizações antigas. Desse modo, surge a fábula protagonizada pelo leão e o elefante, que, aconselhados pelo cágado, conversam e evitam combate fratricida. Pedagogicamente, aponta-se a saída para os conflitos, a resolução das tensões no plano da história individual pode estender-se para o da coletiva. Mais uma vez a sabedoria ancestral, veiculada na tradição oral, enforma a lição.

Considerada a enunciação marcada pelo seu lugar, o Sul de sua vida, a reflexão deve avançar pela construção cronotópica do romance.

A sul, a infância e juventude

Este tempo-espço, dialeticamente metaforizado como mergulho no azul, corresponde ainda ao jugo do colonizador, ao mundo da cisão entre brancos e negros, da dicotomia entre colonizados e colonizadores, não houvesse alguma contradição, dado o olhar dialético do narrador. Júlio menino branco, filho de colonos portugueses pobres, para quem o “valor da pele é o seu calor”, descobre o colonialismo e o racismo do regime fascista português, dirigindo irônica crítica à farsante política multirracial. Na escola, eram quase todos brancos, poucos mestiços: “Não me lembro de nenhum negro na escola. Mas devia haver, pois se dizia Salazar construiu uma Angola multirracial” (PEPETELA, 2009, p.13). O episódio da iniciação sexual de Júlio também corrobora a preponderância do racismo na Lubango colonial. A prostituta negra despreza João, filho de Kanina (empregado da família Pereira) e amigo de Júlio, porque aquele primeiro é negro e, deitando-se com negros, não seria aceita pelos brancos: “E os brancos é que têm dinheiro” (PEPETELA, 2009, p.18). Nesse cronotopo, as contradições co-

⁴ As sentenças foram todas retiradas do romance analisado. PEPETELA, (2009), pp. 12, 14, 17, 22, 28, 43, 94, 106.

locam-se, tornando as questões mais complexas. A cisão entre brancos e negros e brancos pobres e ricos. Júlio, apesar de ser branco, experencia a condição de margem social, representada pela palavra *mapundeiro*, termo ofensivo usado por outros brancos. Designação muito diversa de *chicoronho*, *corruptela* de *colono*. Todavia, o narrador também alerta: “No entanto, éramos ricos se comparados com os negros, nossos serviçais” (PEPETELA, 2009, p.18). O branco *mapundeiro* é amigo de pretos, subversão que não passa impune naquele contexto colonial, fascista e racista: “Um dia dois homens com chapéu cinzento na cabeça encostaram-me a um canto do liceu. Então és tu o bolchevique amigo dos pretos... (...) Estamos de olho em ti, vê se tens juízo” (PEPETELA, 2009, p.21). É o padre indiano, professor de Filosofia, cujo objetivo consistia em “ensinar a pensar” e com quem Júlio “cochichava verdades”, que vai elucidar o sentido das ameaças feitas pelos dois homens. Esclareceu o sentido de bolchevique e criticou duramente, pelo viés religioso e cristão, denotando coerência entre pensamento, palavra e prática, o racismo e o colonialismo:

Jesus Cristo disse para sermos todos irmãos e eu fazia muito bem em ser amigo de todos, não havia nisso pecado, antes pelo contrário, pecadores eram os que diziam só os pretos podem ser amigos dos brancos, não o inverso. Esses são racistas e são colonialistas. (PEPETELA, 2009, p.23)

Nesse sistema, apregoavam-se contraditórias orientações, variáveis de acordo com o interlocutor: brancos não podem ser amigos de pretos, mas estes devem ser amigos daqueles. Desponta a intransigência dos discursos e das práticas em âmbito colonial, a intransitividade do real, em contexto onde a amizade é destituída de reciprocidade. O professor indiano ainda ressalta a diferença entre *colonialista* e *colono*, *chicoronho*, sugerindo a Júlio a legitimidade de sua condição, importante lição para quem vivenciará a constância de um mundo dicotomicamente construído:

Fiz o professor repetir e ele disse, não confundas com *colono*, *chicoronho*, isso é outra coisa, são apenas pessoas que vão para outras terras, neste caso os que vieram de Portugal para cá porque lá morreriam de fome. Colonialistas são os que querem que os africanos sejam sempre inferiores, sem direitos de gente na sua própria terra. (PEPETELA, 2009, p.23)

De ideias avançadas, o padre indiano contrasta com o padre Matheus. Este ensinava a resignação e a subserviência. Kanina insistia em reproduzir essas lições aos filhos João e Job, em especial a este último. Job e Júlio compartilhavam a “perplexidade dos vivos” e a contrariedade a obedecer ordens que não compreendessem. Ao narrador, por ser branco, eram permitidas certas rebeliões. Ao outro, eram negadas. Em 1961, quando ocorreu a grande revolta no Norte, Job foi assassinado por “colonialistas armados em milícias de autodefesa”: “...lhe deram um tiro numa noite, no ano seguinte à minha partida. Que tinha posse de terrorista foi a desculpa para o assassinato. Há sempre quem aceite uma desculpa, mesmo não sendo boa. O silêncio caiu sobre ela”. (PEPETELA, 2009, p.26)

Mais à frente, o narrador personagem retorna ao perigo da preponderância do silêncio e da falta de contestação, da imposição de postura submissa. Essa reflexão aproxima dois cronotopos muito diversos e soa como heresia ao ser elaborada por um revolucionário socialista: Angola colonial e Moscou aliada à luta pela libertação. O narrador alerta em seu já conhecido tom proverbial: “O não discutido, o não contestado, obviamente é inexistente. O mundo perfeito, redondo, dos silêncios” (PEPETELA, 2009, p.113). Dessa perspectiva, ler o romance significa exercitar e aprender a guerrilha contra o silêncio que impõe absolutos.

De Coimbra a Moscou: amor, revolução e algum desencanto

Ao deixar Angola para estudar em Portugal, Júlio inicia viagem muito mais distante e metaforicamente descrita como “uma fenda tão grande como a de Tundavala”, ruptura espaçotemporal profundamente sentida e determinante. Aqui a geração da utopia é novamente ficcionalizada. A fermentação ideológica da revolução brota no seio da metrópole, tendo como palco a Casa dos Estudantes. O jovem estudante de Medicina não se identifica com o curso para o qual ganhara bolsa. Outra vez, a linguagem proverbial jorra: “Quando se faz o indesejado, só resta sonhar” (PEPETELA, 2009, p.28). As leituras, os diálogos, as revoltas em Angola no início de 1961 transformam a contrariedade em inquietação. Exacerba-se a necessidade de engajamento na luta pela independência. O personagem “sonha de olhos abertos”, o tempo é de contestação, utopia e luta; o espaço, demasiadamente pequeno e opressor:

Coimbra e Portugal eram terras de gente temente ao poder, respeitando os mandantes, dobrando a espinha perante uns gângsteres de feira. Havia o perigo de nos habituarmos, ficarmos iguais a eles, aceitando, de coluna em curva. Servis. Discutíamos isso, esbracejávamos, que fazer? (PEPETELA, 2009, p.29)

A saída encontrada pelo personagem corresponde ao movimento de construção do romance e à natureza do cronotopo de indissolubilidade espaço-tempo: a transposição de espaço. A convite de um mais velho de Benguela, viaja ao Marrocos. Júlio reconhece a sua África, no plano da imaginação e no da realidade: os cheiros, o mugir dos bois; a solidariedade. A vontade de lutar orienta os passos. No entanto, na luta contra o colonialismo, as raças continuam dividindo os grupos:

Era um grupo misturado, todas as cores. Depois dividiram-nos. Os mais escuros iam combater. Receberiam treino militar na fronteira entre Marrocos e Argélia. Os mais claros tinham bolsas de países amigos, iam estudar para a Europa. A razão era não existirem condições subjetivas para os mais claros participarem da luta armada. Traduzindo em miúdos, os mais claros ainda não eram suficientemente angolanos para arriscarem a vida na luta pela Nação (...) Fiquei desiludido, sobretudo humilhado. (PEPETELA, 2009, p.31)

A despeito da desilusão, Júlio ganha mais espaço-tempo de revolução, no caminho a Moscou. Já na capital russa, o africano branco de olhos azuis causa estranheza e desconfiança: “Quem garantia não sermos espíões infiltrados pelo regime do fascista Salazar para minar a pátria do socialismo?” (PEPETELA, 2009, p.29). No lar de estudantes, novamente a surpresa, misto de curiosidade e suspeita: “Um branco quase louro era angolano e queria lutar pela independência? Então não eram os brancos que colonizavam Angola?” (PEPETELA, 2009, p.29). A ideia da raça na superficialidade da pele e no azul dos olhos gera cisão.

Os vínculos de amizade, dada a solidariedade, um dom aliás - de acordo com a sabedoria aforística romanesca-, constroem-se entre africanos. Reuniram-se Júlio, Jean Michel, Moussa e Salim; encontraram-se Angola, Congo, Senegal e Tanzânia, respectivamente. Agruparam-se contrariando os princípios do internacionalismo proletário. Este vai se revelar como discurso vazio, sem práxis que o embase. Aquelas identificações, ainda que provisórias, sustentam-se em laços de solidariedade efetivos, norteados pela representativa utopia de Mandela: o grupo, a sociedade, a nação arco-íris:

Um continente inteiro arco-íris, com todas as cores do mundo. É sonho? É sonho, sim. Mas é lindo. Os meus amigos do Lubango, correndo atrás dos bois, não pensavam de outra maneira. Hoji-ya-Henda e Che Guevara também não. Para mim isso chega. (PEPETELA, 2009, p.29).

A par do racismo, agenciador da reunião dos estudantes africanos, Moscou aparece como espaço regido por controle, autoritarismo e medo. Muito distante da expectativa de lugar revolucionário e libertador. As dúvidas se apossam de Júlio. O princípio da contradição parece expulso do pensamento dialético. Na sala de aula, o processual e contraditório é ensinado como imediato e uniforme; o particular e mutável, como universal e fixo. O narrador ironicamente nomeia a dúvida de pensamento subversivo, aprendera a pensar, mostra-se contrário a ideias marteladas:

Pensamentos subversivos os meus. Leis pretensamente universais e imutáveis numa disciplina que dizia nada é imutável? Contradições. Exactamente, o princípio da contradição, pedra de toque da dialética. E depois, na prática, era tudo feito para ser eterno e recusava-se a contradição, sobretudo na política? Era só um incômodo, talvez passageiro. Aprendi lições, mas não interiorizei todas. (PEPETELA, 2009, p.40)

Júlio questiona os discursos laudatórios do regime, anuladores da divergência, arquitetos de verdades absolutas estabelecidas à distância de qualquer fratura destoante do horizonte histórico definido idealmente pelo partido comunista russo:

Estávamos, com a ajuda do comunismo, sempre a avançar para o futuro risonho, brilhante como auras, graças aos nossos líderes bem-amados, imortais, quase seres míticos anteriores à humanidade, do tempo em que os deuses faziam filhos. Alguns desses filhos sobraram, eram nossos líderes. (PEPETELA, 2009, p.41)

A ironia põe em xeque o discurso da universidade e do partido. Júlio e Jean Michel compartilham dúvidas. Os próximos eventos narrativos vão desnudar ainda mais a farsa do internacionalismo proletário, da apologia à liberdade, da solidariedade entre nações socialistas, povos irmãos.

No capítulo, “Luar em Moscovo”, a curva chega ao ponto: irrompe o amor. Na contramão dos equívocos gerados pelo não compartilhamento de códigos, nesse caso, o desencontro linguístico conduz à conjunção de almas. Júlio chama jovem moça mongol, a de olhos castanhos, senhora das estepes, de Lua Cheia, referência galhofeira ao seu rosto arredondado: Sarangerel. Ela confirma o nome, corrigindo o que julgara um deslize. “Não é Lua Cheia, quer dizer Luar” (PEPETELA, 2009, p.50). Júlio omite a brincadeira, o lirismo arrebatou a personagem e o discurso: “Assim é o amor”. Em alusão a Shakespeare, o narrador-personagem/amador profere: “Pobre é o amor/Que pode ser contado” (PEPETELA, 2009, p.51). Desfaz a ambiguidade do verbo contar e arrisca-se a narrar sua história de amor. O rapaz ateu, estudante de economia sob a égide do pensamento socialista científico constata: “Existem milagres”. A proximidade aumenta com o tempo, mas o idílio acaba. A despeito da resistência e da luta, converte-se em elegia. Tal qual Romeu e Julieta, o casal não pôde vivenciar o amor. Sarangerel, filha de ministro da defesa mongol, namora às escondidas e engravida. Descoberta a relação, a família poderosa e prestigiada, não admite a união com um rapaz estrangeiro. Júlio tenta argumentar e, apesar de sua visão crítica marcada pela dúvida, ainda apela para as identificações políticas entre os povos. Sarangerel não confia nos supostos laços:

Bolas, e o internacionalismo proletário? A Mongólia, como país socialista, apoia a luta dos povos oprimidos. O meu povo é colonizado e eu sou um lutador pela liberdade do meu povo. O meu Movimento é aliado do Partido dele, tem de ser sensível a esse argumento. Agarremo-nos à política, ela pode nos ajudar.

Sarangerel segurou minha mão. Com as duas, como era seu hábito.

- Não conheces meu pai. Não conheces a Mongólia. Acho até que não conheces os países socialistas. (PEPETELA, 2009, p.64)

Jean Michel apoia o amigo, no entanto, desprovido de ilusões pondera:

...há racismo, e o racismo nem sempre é de branco contra negro ou de negro contra branco, há entre todos os grupos. E o marxismo não extirpou esse cancro, meu irmão. (...) Aqui os casamentos são fáceis... Até podem casar rápido, ... Mas é preciso que Olga alinhe e convença um funcionário de estatuto superior. (PEPETELA, 2009, p.64)

Depois de tentativas infrutíferas de agenciamento do casamento por intermédio dos russos, Jean Michel reúne os estudantes africanos para definirem alguma estratégia, a fim de auxiliar o casal de amigos. Afinal, a criança de Júlio e Sarangerel pode simbolizar a tão apregoada união entre os povos. Resolvem recorrer à Organização de Solida-

riedade Afro-asiática, solicitando a providência do casamento. A inação da organização demonstra a hipocrisia do proclamado internacionalismo proletário. Salim, mais afro-asiático que os dirigentes da organização, chama para si a tarefa de encaminhar a solitação. Em síntese, questiona como seria possível falar em união intercontinental, norte orientador da criação da referida organização na conferência de Bandung, se o casamento entre uma mongol e um angolano não era permitido? Desse modo, Salim desnuda os discursos demagógicos, por associação entre a micro e macro história. E, mais uma vez, o que se constata no plano do indivíduo, aplica-se ao da coletividade.

Na sequência do insucesso da empreitada movida pelos jovens, Sarangerel é raptada a mando do pai e levada para a Mongólia. Júlio passa a receber retalhos de informações por Nara, mongol, colega de Sarangerel do lar de estudantes. Por meio de cartas à colega, Sarangerel dá notícias. Fala de forma genérica para não chamar a atenção dos censores, que, sem dúvida, liam as correspondências. Sobre Júlio, paira o silenciamento. Este compreende a necessidade do silêncio, mas observa:

Sabem o que é sentirem-se apagados, escorraçados da história? Talvez não saibam, poucos hoje em dia viveram as experiências de colonização ou de escravos, que significa exatamente a não existência, o terem sido de repente apagados do mundo, da vida, da memória, transmutados em não-seres humanos. Esperava que Sarangerel ainda me amasse; ... Ela não escreveria nada podendo ser interpretado como um desejo de plano de fuga. (PEPETELA, 2009, p.100)

Essa reflexão associa história individual e coletiva, entretecendo fios e significados, e promove o salto espaçotemporal da Europa a África. Antes do retorno a Angola, duas paradas e breve visita à Mongólia: o treino militar no sul da Rússia, a permanência em Argel até a convocação para a luta armada. A desconfiança em relação aos brancos permanecia. Era difícil romper com séculos de opressão promovida por brancos ou a mando deles. O envolvimento de guerrilheiros brancos na luta pela libertação não era visto como engajamento desinteressado. Uns enxergavam-nos como gente inimiga infiltrada, outros pressentiam oportunismo de angariar posições políticas para não perderem as fortunas nacionalizadas: “Uns e outros rejeitavam a participação directa, para um dia não terem de conceder a nacionalidade angolana a brancos filhos de colonos e deles voltarem a receber ordens e humilhações” (PEPETELA, 2009, p.107). Na Argélia, consegue viajar à Mongólia em curta e extremamente controlada passagem. Contempla, sem se aproximar, menina que afirmam ser a filha:

Eis o resultado da mistura de cabaças.

Não havia monstros de duas cabeças, oma-kisi comedores de gente. Não havia estranhos rumores no vento.

O mel tinha dominado a manteiga ou o contrário.

Harmonia tinha sido criada.

Uma criança normal era o remate do amor deles.

Como não soluçar no grande silêncio da estepe? (PEPETELA, 2009, p.100)

A linguagem poética confirma e conclui o que os mundos absolutos recusam-se a admitir: os rumores familiares nos ventos, a harmonia na reunião das diferenças. A frustração temporariamente irreversível no plano do indivíduo projeta-o no da realização da luta armada.

O retorno a Angola, um desvio por Cuba

O processo de retorno do narrador-personagem ao espaço angolano, inclui passagem pelo Congo e perpassa diferentes tempos: da luta armada ao fim da guerra civil. Contrariamente ao que pensara, vai fazer a guerrilha na Cabinda, ao Norte, como Sem-medo⁵ e seu grupo, desenvolvendo forte ligação com o Mayombe, “a floresta-rainha”. Júlio aborda a guerra contra o colonizador como guerra fratricida. Perspectiva bastante diferente daquela defendida pelos guerrilheiros de *Mayombe*. Esse olhar torna a questão ainda mais complexa e, ao mesmo tempo, confirma e aprofunda as convicções políticas do narrador/guerrilheiro e o valor de sua escolha: a identidade chicorinha desponta, mas, em nome da liberdade nacional, corre o risco de ceifar a vida do irmão. E não idealiza sua atuação. Atenua, por outro lado, papel heroico do sujeito, caminhando na direção contrária à configuração de caráter esférico e sem rasuras dos que empreendem luta, ao ver, por exemplo, a guerra fratricida como a preponderância de uma “humanidade animal”.

No cronotopo da guerrilha, destacam-se o papel de comando de Júlio em sua relação com a terra e os saberes tradicionais. Abordou-se esse aspecto, ao discutir-se o papel do narrador. Outra questão que merece menção diz respeito ao batismo do guerrilheiro. Júlio automeia-se Alicate, em movimento crítico e subversivo às constantes reificações sofridas pelos serviçais negros do Sul, de quem fora roubada a humanidade, no período colonial. O efeito do nome é cômico, o que atenua ou mesmo suplanta seu caráter contestador. Observa-se o duplo movimento de reverência e deboche ao herói/guerrilheiro.

Alcançada a independência, dá-se o retorno ao Sul. Júlio vai a Lubango e daí a Luanda para assumir cargo burocrático, longe das frentes de combate. A passagem do tempo é referenciada na brevidade da frase: “Houve guerras, acordos de paz, guerras, eleições de 1992” (PEPETELA, 2009, p.132). O narrador chega a general e se vale da posição para, por meio de contatos com os soviéticos, tentar aproximação com a Mongólia. As tentativas de saber de Sarangerel são pontuadas por conversas com assessor russo e avaliações sobre os rumos dos governos da Rússia e de Angola. Em espaço-tempo de corrupção, e a despeito de transitar pelos círculos do poder, Júlio mantém sua integridade:

⁵ Personagem do romance *Mayombe*, de Pepetela.

Não fiquei no entanto rico, vivendo sempre do meu salário de oficial superior. Até sabia como fazer as coisas, nem exigia imaginação, bastava copiar outros colegas e guardar as comissões que me queriam constantemente oferecer em negócios legítimos. Mas eu não cedia em princípios de probidade, participava ou propunha negócios, recebia as comissões e depois estas eram religiosamente entregues ao ministério, com as contas certinhas. (PEPETELA, 2009, p.141)

Faz apenas uma concessão, para viajar ao encontro de Sarangerel em Cuba e apresenta outras denúncias do desmando da classe dirigente, atitude predadora antes mencionada:

A desorientação me fazia minimizar os escrúpulos, que se lixe, ao menos por uma vez posso aproveitar das relações de amizade nas cúpulas e usufruir da organização débil da administração. Para um benefício pessoal. Dei muitos anos com o coirão na merda, também tenho direito. Nunca quis, quando era responsável, açambarcar terrenos de dez mil hectares ou mais, como muitos fizeram, para quintas de fim-de-semana, ou terrenos entre dois rios para explorar minas de diamantes, nunca aceitei sequer guardar um tanque blindado como recordação de guerra... Ao menos que me arranjassem uma viagem a Cuba. (PEPETELA, 2009, p.149-50)

Esse é o lugar do reencontro do casal. Em espaço socialista, Júlio avalia os regimes que separam: “Afastaram-nos um do outro só por sermos de países diferentes, por um ter olhos castanhos e o outro azuis. E ao mesmo tempo gritavam vivas ao internacionalismo e à amizade eterna entre os povos. Tudo mentira!” (PEPETELA, 2009, p.155.).

Cuba não o trai, é a ilha do vento do norte, do mar bravo e, paradoxalmente, da reconciliação. Local de exercício da dialética na perspectiva romanesca, a representação da Ilha de Cuba afasta-se da comum percepção desse espaço como símbolo de isolamento e confinamento. O espaço insular reúne, agrega, ata laços rompidos em movimento oposto ao explicitado por Júlio em sua avaliação dos regimes socialistas.

Em palestra à Associação Cultural José Martí da Baixada Santista, Pepetela rememora as relações transatlânticas entre Cuba e Angola e a história desta última nação desde a fundação do MPLA (1956) até o Acordo de Paz que pôs fim à guerra civil em 2002. Ao falar do apoio cubano, em um primeiro momento, lembra-se do marinheiro Hernandez, no contexto de fermentação da luta armada:

O primeiro cubano que trabalhou para a independência da Angola foi um marinheiro que se chamava Hernandez. Regularmente ele ia a Angola e fazia a ligação Angola, Portugal e Brasil. Ele levava documentação de Luanda a Lisboa, onde havia um núcleo de pessoas que lutavam pela independência da Angola. (...) Essa é a primeira relação que estabeleço entre Cuba e Angola. Hernandez ajudava no contato com grupos clandestinos que estavam em Portugal e muitos deles eram dirigentes do movimento de libertação. (PEPETELA, 2016)

Outro momento a que o escritor refere-se é o da passagem de Che Guevara pelo Congo em 1965. Nessa oportunidade, costuma-se dizer que o MPLA solicitou apoio a Cuba, visando o treinamento de guerrilheiros. Pepetela afirma:

Os cubanos, de fato, estavam em Angola. Mas como instrutores e não como militares. Isso era a desculpa que mundo ocidental dava por causa do apoio ao FNLA e a África do Sul para combater a ‘influência comunista’ em Angola. (PEPETELA, 2016)

Alcançada a independência em 1975, logo é deflagrada a guerra civil, Angola pede apoio a Cuba, quando o MPLA era atacado pelo Norte e pelo Sul:

Estava claro que haveria uma guerra e os cubanos nos ensinaram como era ter um exército regular. Sabíamos o que era uma guerrilha, mas não o que era ter um exército, os cubanos viraram instrutores. Não havia tropa cubana de combate em Angola. (PEPETELA, 2016)

Naquele contexto, em que a liberdade e paz desencontram-se, os três movimentos pela libertação enfrentam-se (MPLA, UNITA e FNLA), em meio à Guerra Fria, momentos em que os blocos socialista e capitalista disputavam a hegemonia do mundo, agravando ainda mais a situação de um país arrasado. Pepetela destaca que Cuba apoiou Angola a despeito da contrariedade apresentada pela URSS. Segundo o escritor, esta última era contra a intervenção cubana, visando forçar a fusão entre MPLA e FNLA:

A União Soviética era contra a intervenção cubana em Angola. Não recebemos desde 1973 uma só bala da União Soviética, porque queriam nos obrigar a algumas condições, como fusão com a FNLA. Havia um pacto entre Estados Unidos e União Soviética sobre a África. (...) Houve esforço enorme de Cuba e o exército cubano ficou em Angola até 1989. Mas não só o exército, mas sim milhares de professores, médicos, enfermeiros e técnicos de outras áreas, a troco de muito pouco. Se houve internacionalismo, foi de Cuba. Falo com emoção sempre porque vivi, não porque me contaram. (PEPETELA, 2016)

Essa fala emocionada, no remontar da memória do vivido, revela o vínculo afetivo entre as nações e explica a presença dos cubanos no imaginário angolano, na “consciência das pessoas”, tal como aponta áudio de autoria de Glória Sousa⁶. A cooperação cubana, durante a guerra, principalmente suprindo quadros no plano civil, deixou vestígios indelévels. A recuperação deste espaço pela ficção aponta para as marcantes ligações decorridas no plano do real vivido.

Em Cuba, o futuro consubstancia-se em retorno do amor mediado pela habilidade de Sarangerel em criar situações de diálogo. Talvez Maiakovski não se tenha equivocado, tal como o sujeito poético dos excertos líricos afirmou⁷. Na verdade, poeta

⁶ Conferir áudio intitulado “As relações entre Cuba e Angola” disponível em: <http://www.dw.com/pt-002/as-relacoes-entre-cuba-e-angola/a-6531804>.

⁷ PEPETELA, 2009, p.89. Considera-se o seguinte fragmento do romance: “A cabaça de mel quebrou, por ação da manteiga. /Ou foi o contrário. /Nas fábulas da vida, algumas misturas são intoleradas./Porém, com palavras doces, amigas./Maiakovski estava equivocado./As palavras não são sinos de redenção”. Quanto ao poema de Maiakovski, conferir o texto “Fragmentos”, p.97, traduzido por Augusto de Campos, disponível em: 150.164.100.248/vivavoz/data1/arquivos/poemasrussos-site.pdf.

russo sabia do “pulso das palavras a sirene das palavras”. Palavras mansas astutamente tecidas ressoam e materializam a possibilidade do encontro. Antes do retorno de Júlio a Angola, Sarangerel comunica-lhe a escolha de com ele viver, delineando o caminho da realização, a vivência do amor.

O porto de afeto, em um espaço sem tempo

A chegada de Sarangerel coincide com o fim definitivo da guerra civil, confirmado pelo “silêncio da paz” que caiu “de repente sobre a terra martirizada” (PEPETELA, 2009, p.178). A terra continua sofrendo duros golpes. Moussa, o senegalês dos tempos de Moscou, chega a Angola para negócios. Pequeno empreendedor, não consegue aplacar a sede dos chefões em busca de “suculentas comissões”, em detrimento do Estado e contra o interesse público. Os dirigentes visavam as multinacionais, o grande capital estrangeiro europeu. Ao que o senegalês constata: “- Pobre África, viramos as costas uns aos outros e quem lucra é o antigo colonizador” (PEPETELA, 2009, p.180). Forma-se uma classe dirigente a serviço do grande capital. Uma vez mais, no cronotopo Estado-nação Angola, opera-se a denúncia da atitude predatória da classe dirigente de um país já mergulhado na economia de mercado. Pode-se lançar mão do conceito de “colonialismo interno” para explicar tal atitude. Essa categoria, segundo Pablo González Casanova, está ligada à história de territórios antes colonizados, cujos povos, “minorias ou povos colonizados pelo Estado-nação” (CASANOVA, 2006, 410), vivenciam, depois da independência, seja ela formal ou resultado de luta pela libertação, condições semelhantes às que caracterizam o colonialismo ou neocolonialismo internacional. Os exploradores nativos substituem os anteriores e associam-se às forças internacionais e transnacionais. Dão-se, no interior de uma mesma nação, relações do tipo colonial, na medida em que “hay en ella una heterogeneidad étnica, en que se ligam determinadas etnias con los grupos y clases dominantes, y otras con los dominados”⁸ (CASANOVA, 2006, 415). A partir dessa definição, podemos associar a denúncia realizada pelo romance às consequências da parceria entre colonização internacional (e transnacional) e colonialismo interno apontadas por Casanova. Em síntese, aquela parceria expropria e despoja pequenas propriedades agrárias, criando empobrecimento, desemprego e baixos salários para as populações e trabalhadores das áreas subjugadas. Forjam-se territórios colonizados, aos quais se soma a articulação de recursos destinados a megaempresas. A asfixia da produção e dos produtos locais se agrega ao impulso dado aos trustes estrangeiros unidos ao grande capital nativo, público e privado.

⁸ “Há nela (na nação) uma heterogeneidade étnica, em que determinadas etnias se ligam aos grupos e classes dominantes, e outras aos dominados”. Livre tradução a partir do original citado.

Reunidos com Júlio e Sarangerel em Angola, os familiares desta última contrastam a “exuberância da terra e a variedade das paisagens” com a “miséria humana elevada ao máximo dos expoentes” (PEPETELA, 2009, p.181). Pelo olhar qualitativamente crítico dos parentes de Sarangerel, a realidade vem à tona, em oposição à visão pacificada do turista, superficial e hipócrita. A geografia humana e social revelam o estilhaçamento provocado pelas guerras e reforçam crítica à ação predatória dos poucos privilegiados, dado o “colonialismo interno”:

De gente sem pernas por causa das minas vivendo em aldeias quase abandonadas. De crianças indo descalças pelas avenidas e com ventres inchados pela fome e pelos vermes. De velhos decrepitos e seminus vagando pelos vazios da existência. De lixos fétidos percorrendo ruas. De doenças se propagando pelos rios e ares contaminados. (PEPETELA, 2009, p.181)

Depois de três anos, a morte suspende o tempo e o amor. Júlio, no entanto, vive-o em sua intensidade, tal qual defende o eu lírico de Vinícius de Moraes, “Que não seja imortal posto que é chama/Mas que seja infinito enquanto dure”⁹. “A indesejada das gentes” apresenta-se sem tragédia, em profundo compartilhamento de olhares. Troca de tintas azuis e castanhas, mistura de manteiga e hidromel.

A partir do “Epílogo”, redimensiona-se pista dada ao leitor na página 151: “Nem imaginam o quanto é bom não precisar de fazer contas ao tempo, porque ele se tornou eterno ou inexistente”. O romance se insere na tradição das narrativas póstumas. Nesse ponto, é feita a síntese do percurso temporal do narrador-personagem. A integridade de Júlio - filho de Júpiter, deus do dia -, aquele que é “cheio de juventude”, é novamente referida. Dá-se processo de aprendizagem, mas a ética se mantém. Júlio aprende a desilusão, mas não sofre o desencanto distópico. O amor o sustentou, não o fez sucumbir à corrupção ou ao suicídio. “Enovelou suspiros” e “respirou fundo” como proclama o texto lírico enxertado. Nos seus olhos habitavam rostos:

Há rostos que aparecem em combates
Moscas zumbindo sobre corpos apodrecendo
Ao cheiro do sangue seco.
Rostos há que não são moscas
Não rondam mortes sem sangue
Trazem apenas melancolia e uma réstia de esperança.
Assim ela lhe aparecia em combates
Ternura, meiga ausência. (PEPETELA, 2009, p.127)

Na inexistência do tempo, o espaço resiste como forte referencial, bússola que surpreendentemente aponta para Sul, “o grande Sul. O Sul da minha vida” (PEPETELA, 2009, p.188). O narrador-personagem insiste nessa orientação.

⁹ Versos do amplamente conhecido “Soneto da fidelidade”, de Vinícius de Moraes.

Desse modo, a ficção pode simbolicamente apontar a necessidade de revisão hegemônica dos paradigmas culturais, políticos, filosóficos, epistemológicos disseminados pelo capitalismo colonial. Seguindo de perto Boaventura de Sousa Santos, o Sul, do ponto de vista metafórico, pode ser designado como espaço de diversidade epistemológica, campo de desafios, que tentam reparar perdas historicamente causadas pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. De certa maneira, essa concepção coincide com o Sul geográfico. A sobreposição, no entanto, não é total, porque, por um lado, no interior do Norte geográfico, encontram-se classes e grupos sociais vastos submetidos à dominação e, por outro lado, dentro do Sul geográfico, há pequenas elites locais que se beneficiam da dominação. Estas, mesmo depois da independência, continuam a exercê-la sobre classes e grupos sociais subordinados. Para além dos variados modos de dominação, o colonialismo correspondeu à subordinação epistemológica, à supressão de formas de saber próprias dos povos/nações colonizados. Aos saberes da divergência e da resistência, Santos denomina “epistemologias do Sul”, “conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre os conhecimentos” (SANTOS & MENESES, 2009, p.13). Assim, ressignifica-se e se potencializa “o Sul da minha vida”, de muitas vidas. Saber, além de significar poder enquanto potencial para, consiste na construção ontológica de mundos.

Na exaltação em tom poético do Sul, encerra-se o romance. Flagra-se a vida em plena morte, morte plena do tempo na imensidão do espaço. Com essa imagem dialética, conclui-se a leitura, a dialética que falta ao mundo, ensinada no narrar de uma aprendizagem dos espaços e do amor.

Resumo: Este artigo objetiva apresentar leitura crítica do romance *O planalto e a estepe*, de Pepetela, refletindo sobre a unidade espaço-tempo como elemento estruturante da narrativa, formando o que Bakhtin denominou de *cronotopos*, “centros organizadores dos principais eventos do romance”. A reflexão acompanha o narrador em primeira pessoa, sujeito em deslocamento e em processo de aprendizagem.

Palavras-chave: narrativa literária; referências espaço-temporais; *cronotopos*; história, geografia; memória.

Résumé: Cet article a le but de présenter

une lecture critique du roman O planalto e a estepe, de Pepetela, tout en réfléchissant sur l'unité spatio-temporelle comme un élément structurant du récit, ce qui constitue la notion de cronotopos selon Bakhtin, en d'autres termes, "des noyaux organisateurs des principaux événements du roman". Cette réflexion suit de près le narrateur en première personne, en tant que sujet en déplacement et en processus d'apprentissage.

Mots-clés: récit littéraire; références spatio-temporelles; *cronotopos*; histoire ; géographie; mémoire.

Abstract: This paper aims to present a critical reading of the Pepetela's novel *O*

planalto e a estepe, reflecting on the space-time unity as structuring of narrative, forming what Bakhtin called chronotopes, “organizing centers of the main events of novel”. The reflection follows the narrator,

individual who moves, in processo of dialectical learning.

Keywords: *literary narrative; space-time benchmarks, chronotopes; history, geography, memory.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Questões de literatura e estética. A teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica. Arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CASANOVA, Pablo Gonzáles. “Colonialismo interno. [Una redefinição]. In: BORON, Atilio A., AMADEO, Javier & GONZÁLES, Sabrina (comp.). *Teoría marxista hoy*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2006.
- CHAVES, Rita. “Pepetela: romance e utopia na história de Angola”. *Via Atlântica*, São Paulo, n.2, jul. 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48795/52871>. Acesso em: 08 de jan. 2017.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- PEREIRA, Conceição. “Identidade e diferença em *O planalto e a estepe* de Pepetela”. *Navegações. Ensaios*, v. 6, n. 1, p. 91-98, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/face/ojs/index.php/navegacoes/article/download/.../9811>. Acesso em: 09 jan. 2017.
- PEPETELA. *O planalto e a estepe*. São Paulo: Leya, 2009.
- _____. Trechos de palestra proferida na Associação Cultural José Martí da Baixada Santista. In: *Bloco*. O blogue da José Martí. “Como Cuba ajudou na independência de Angola”. São Paulo, 22 dez. 2016. Disponível em: <http://www.josemarticultural.org/bloco/como-cuba-ajudou-na-independencia-de-angola>. Acesso em: 09 jan. 2017.
- SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SOUSA, Glória. “Como Cuba ajudou na independência de Angola”. *DW Made For Minds*. Notícias/Internacionais. [Áudio] Berlim, 20 mai 2011. 9min e 56s. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-002/as-rela%C3%A7%C3%B5es-entre-cuba-e-angola/a-6531804>. Acesso em 09 jan 2017.
- VEIGA, Luiz Maria. “Aquela geração por outras terras: um romance geográfica”. *Revista Crioula*, São Paulo, n.7, mai 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/download/55261/58890>. Acesso em: 08 de jan. 2017.